

economia

Terraplanagem avança em fábrica de etanol

Complexo da Be8 em Passo Fundo deve entrar em operação até final de 2026 e produzir 220 milhões de litros por ano

/ COMBUSTÍVEIS

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

A construção da unidade de etanol a partir do processamento de cereais (trigo, triticale, milho, entre outros) que a empresa Be8 está realizando em Passo Fundo está próxima de completar mais uma etapa. No momento, está sendo conduzida a fase de terraplanagem, que deve ser concluída no final de março, para depois começarem as obras civis e a montagem dos equipamentos.

O presidente da companhia, Erasmo Carlos Battistella, afirma que o empreendimento está sendo tocado “a todo vapor”. O complexo deverá entrar em operação no final de 2026. A usina será flexível para a produção de etanol anidro (que pode ser adicionado na gasolina) ou hidratado (consumo direto) e terá capacidade de 220 milhões de litros anuais.

A Be8 também vai oferecer ao mercado o farelo oriundo do processamento dos cereais, conhecido como DDGS (Distiller's Dried Grains with Solubles) ou Grãos Secos de Destilaria com Solúveis (em português), obtido imediatamente após o processo fermentativo de produção de etanol. Esse é um coproduto, com grande potencial de utilização em rações animais. Serão produzidas 155 mil de toneladas por ano de farelo.

Também será integrada ao projeto a produção de glúten vital, um concentrado proteico em pó obtido a partir da farinha de cereais. Atualmente todo o glúten consumido no Brasil é importado. O complexo produzirá 35 mil toneladas ao ano de glúten vital. No ano passado, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) aprovou financiamento no valor de R\$ 729,7 milhões para a construção da fábrica de álcool e farelo.

Divulgando o potencial dos

biocombustíveis, nesta semana Battistella participa do Fórum Econômico Mundial, que ocorre em Davos, na Suíça. Ontem, o empresário gaúcho integrou um painel com o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, e se encontrou com o Comissário para Transporte Sustentável e Turismo da União Europeia, Apostolos Tzitzikostas.

Um dos pontos ressaltados por Battistella durante o evento é como os biocombustíveis fazem bem para o meio ambiente e também para a economia. “Por exemplo, o biodiesel praticamente gera 14 vezes mais PIB do que se comparado com a cadeia da produção do diesel (fóssil)”, aponta o dirigente.

Nesta quinta-feira, Battistella participará de um painel que acontecerá em parceria com as também gaúchas Randon e a Gerdau, no qual serão apresentadas as iniciativas que cada companhia está fazendo para alcançar



Erasmo Carlos Battistella, da Be8, afirma que obra está “a todo vapor”

o Net Zero (meta de compensar ou eliminar as emissões de gases de efeito estufa na atmosfera da companhia). Uma novidade que deverá ser anunciada na ocasião envolverá o Centro Tecnológico Randon e a Be8 e a utilização do BeVant (um biocombustível capaz de substituir em 100% o diesel).

Em Davos, a Be8 também anunciou uma parceria com a

companhia norte-americana Cemvita, que atua no desenvolvimento de soluções biotecnológicas inovadoras. As empresas assinaram um Memorando de Entendimento (MOU) com o objetivo de desenvolver a conversão de glicerina (um subproduto da produção de biodiesel) em matéria-prima de baixo carbono para a produção de Combustível de Sustentável de Aviação (SAF).

Gestão Trump não deve causar interrupção no processo de transição energética global

/ ENERGIA

Apesar das indicações que em seu governo as fontes fósseis de energia serão fortalecidas e as renováveis não contarão com tantos incentivos, a tendência é que o mandato de Donald Trump como presidente norte-americano não barre o processo de transição energética no mundo ou mesmo dentro dos Estados Unidos. O que

poderá ocorrer é uma alteração na velocidade desse movimento, já que se trata de uma das maiores nações do planeta em termos políticos e econômicos.

Logo após a sua posse, Trump declarou emergência nacional energética e afirmou que a infraestrutura do setor não era adequada, devido a políticas adotadas anteriormente. Entre as medidas anunciadas pelo presi-

dente americano, estão o apoio à produção de combustíveis de fontes fósseis e o fim de subsídios a veículos elétricos. Trump também determinou a revisão de áreas federais que poderiam ser aproveitadas para a geração de energia eólica offshore (no mar). Além disso, ele retirou o país do grupo de participantes do Acordo de Paris (tratado internacional quanto a mudanças climáticas).

O diretor do Sindicato da Indústria de Energias Renováveis do Rio Grande do Sul (Sindienergia-RS), Guilherme Sari, ressalta que Trump tem posições fortes e gosta de ser impactante e midiático, porém a transição energética é um caminho sem volta. Ele observa que, apesar da perspectiva de que o novo mandatário dos Estados Unidos veja a questão sob um “novo olhar”, esse movimento não deverá ser interrompido naquela nação ou no planeta. “Acho que é muito difícil que ele venha a impedir ou restringir o uso de energia renováveis”, projeta.

Sari enfatiza ainda que os EUA também não irão querer perder mercados para outros concorrentes internacionais como, por exemplo, a China. Para ele, a tendência é que Trump concentre-se mais no fator econômico (custo) da geração de energia do que na sustentabilidade das fontes.

O diretor do Sindienergia-RS recorda também que um dos grandes apoiadores de Trump é o empresário Elon Musk, dono da Tesla, companhia fabricante de veículos elétricos. “Tem essa questão que é antagonica”, aponta.

Sobre a possibilidade de Trump também diminuir os investimentos no mercado de hidrogênio verde (oriundo de fontes

renováveis), o diretor do Sindienergia-RS considera que isso pode afetar o desenvolvimento do segmento globalmente, mas, por outro lado dentro desse eventual cenário o Brasil pode mais facilmente se tornar um protagonista mundial como produtor desse combustível.

Já o presidente da Câmara Brasileira de Logística e Infraestrutura, Paulo Menzel, destaca que o planeta ainda baseará sua matriz energética, nas próximas décadas, no petróleo e carvão. “Não existem outras fontes, nos dias atuais, com grande volume para fazer a substituição”, frisa o dirigente.

No entanto, Menzel enfatiza que o mundo precisa lidar com as mudanças climáticas, algo que é inevitável e que leva à transição energética. O ponto levantado pelo representante da Câmara Brasileira de Logística e Infraestrutura é quem vai “pagar a conta” dessa iniciativa, algo que ainda não está bem resolvido.

Contudo, o dirigente reitera que o planeta irá seguir no rumo do aumento das fontes limpas de energia, que são menos poluentes. O que pode variar é o tempo de crescimento desse setor. “Na minha visão, com a ascensão do Trump, vamos dar uma pequena desacelerada”, conclui Menzel.



Geração de energia eólica offshore foi um dos segmentos afetados pela política do presidente dos EUA